

Boletim

I SÉRIE

30
DE
NOVEMBRO
DE
1947

ANO I N.º 5

PREÇO 2\$00

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:
ARQ. JERÓNIMO REIS

ADMINISTRADOR:
ARMANDO RIBEIRO

PROPRIEDADE

DA
A. A. E.
(SECÇÃO CULTURAL)

DIRECTOR

HIGINO AUGUSTO PIRES

Redacção e Administração

(PROVISÓRIA)
RUA 11-483
ESPINHO

COMPOSTO E IMPRESSO

TIP. PROGRESSO

— ESPINHO —

PUBLICA-SE MENSALMENTE

PEÇO A PALAVRA...

Um problema da Ass. Académica que é interêsse de Espinho

Propõe-se a A. A. E. levar a cabo uma obra cultural, para o que dispõe de vários meios, além do "Boletim". Não sei qual a orientação e quais os métodos que virão a ser postos em prática para obter os resultados desejados.

Antes de mais, uma coisa é indispensável: a planificação geral, o esqueleto daquilo que se pretende realizar. E isto não é fácil.

Depois a organização pormenorizada, conscienciosa e sintónica com o tal esqueleto, de todas as partes que venham a constituir o edifício vivo que é tudo o que implique «acção cultural».

Ora, isto também não é fácil. Surgem depois outros problemas, outras questões, que não sendo, propriamente, da organização e acção, têm uma «importância vital». Se tais factos não são levados na conta de essenciais, se os encararmos como meros pontos de vista, então — se o objectivo em vista é cultura — o resultado é afundar-se o problema num charco de inutilidade e num pantano de mentira; é mistificação pura e simples.

Preguntar-se-á que problema e que factos serão esses assim tão fundamentais. São eles simples definições que implicam conceitos bem precisos e exactos.

Assim: — Cultura tem um significado mais amplo e humano do que se pretende, muitas vezes, fazer crer; por outro lado há quem faça confusão entre *Cultura*, identificando-a com *Erudição*.

Mas há mais: quantas vezes se faz cientismo, filosofismo e literatismo, e pomposamente se anuncia fazer «ciência», «filosofia» e «literatura».

Sim, porque há filósofos e filosofantes, como há escritores e... *escrivãis*.

Continua na pág. 4

Da conferência periódica com o

SR. PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

As obras de defesa não seguem o ritmo necessário; a mudança das linhas dos C. F. para leste da vila; a consecução do crédito de 2.652 contos para prosseguimento das obras de abastecimento de água; novas pesquisas para assegurar um caudal de água que abasteça totalmente a vila; embelezamento e limpeza da séde do concelho; iniciativas particulares recomendáveis; etc.

Para cumprimento do programa que o "Boletim" a si próprio impôs, por virtude da isenção do sr. Presidente da Câmara Municipal que a todos acolhe com igual solicitude, novamente trocamos impressões com o sr. Cap. Adelino dos Santos sobre os problemas e interesses gerais de Espinho. Não se trata evidentemente de uma entrevista em que o texto representa afirmativa ou opinião pessoal, mas sim de um conjunto das impressões que nos ficou das palavras ouvidas.

A opinião da C. Municipal é idêntica à dos seus munícipes, no que se refere a críticas feitas à morosidade das obras de defesa, que continuam a não seguir o ritmo e solução conveniente, permitindo até que se vá perdendo o pouco que já se fez. Frize-se que a edilidade actual continua a trabalhar junto de quem de direito para remediar males anteriores e solucionar de vez o problema n.º 1 de Espinho. Conjuntamente com o problema das águas, também o sr. Presidente, na sua ida a Lisboa, instou para que se dê a solução ao problema da transferência das linhas de C. F. para o que já entregou ao Ministério das Obras Públicas elementos necessários para o estudo do problema pelos técnicos daquele Ministério, o que encontra a melhor boa vontade e interesse de S. Ex.^a o sr. Ministro das Obras Públicas. Estando dentro da intenção do governo a solução dos problemas de abastecimento de águas a todas as povoações do País, a Câmara teve a satisfação de verificar a concessão de um crédito de 2652 contos para prosseguimento das obras necessárias, bem como abordar a necessidade de procurar novos locais — mata de Esmoriz — que permitam abastecer totalmente a vila e sua população, sempre crescente, sem esquecer a população eventual de veraneantes.

Na mesma ocasião o sr. Vice-Presidente da Câmara, Dr. A. T. Corte Real, tratou junto do Ministério respectivo da instalação de um posto de P. S. P. nesta vila, posto que erradamente foi extinto anteriormente, e que a ter sido mantido poderia estar já transformado numa esquadra policial, com pessoal quase

Continua na pág. 4

MARÉS VIVAS

INDEPENDÊNCIA

Nestes tempos de conformismos doentios e de dependências quasi obrigatórias, por força de desmedida transformação do "espírito" em "matéria", a *Independência* é qualidade rara, quasi de museu. A muito poucos é permitido usar dessa "avis rara", visto que a independência obriga a situação, pessoal ou colectiva, desafogada, futuro assegurado, personalidade e, no final de tudo, anti-rotineirice. É evidente que esses poucos, na maior parte comodistas, não fazem uso da oportunidade, manifestando moles e idiota frequentemente transformada em criminosa oposição aos que se atrevem a usar de independência.

É realidade provada, ser difícil, e até perigoso, usar de independência honesta na vida actual entre os homens que, servindo-se de todos os artificios, estudados e melhorados através de gerações, encontraram novo período histórico de ambiente material propício para todas as suas maquiavélicas pretensões.

E, apesar da luta que é movida a este "statu-quo", sombrio e execrável, pelos poderes públicos e espirituais, o certo, é que o Mundo, e também o "pequeno mundo" de Espinho, continua a debater-se nas garras aduncas do Imoral, do Dependente e do Conformista.

O'bices, obstáculos, e forças insidiosas incidem sob qualquer atitude de independência, como se essa qualidade tivesse semelhança com um foco de peste que fôsse preciso expurgar.

Por estes e outros factos a *Independência*, que era virtude vulgar, passou a gosar da sinonímia com *Heroicidade*, comprovando a inferioridade social e espiritual deste século confuso e paradoxal, de progresso e retrocesso.

Gino Sárpil

VISADO PELA CENSURA

PELA CULTURA

EXORTAÇÃO

Uma Associação Académica orientando a sua actividade de forma a só mostrar presença e vitalidade adentro do Desporto, esquecendo o principal objectivo — a Cultura, — trairia o seu nome desprezando uma finalidade que a distingue de outras agremiações desportivas.

Se é certo que o Desporto constitui poderoso meio de regeneração e educação, a Cultura dignifica e ensina o Homem a melhor compreender a terra e a sua missão nesta.

É preciso não esquecermos aquilo que nos distingue dos irracionais.

Não basta lutar pelo pão, procriar, vestir bem, divertirmo-nos.

Os animais inferiores também lutam pela vida, têm carinho com os seus filhos? A Natureza dotou-os de forma a não sentirem demasiado as suas inclemências e também se divertem embora não conheçam nem joguem o futebol...

Despertemos o nosso Espírito procuremos aprender a amar e a cultivar o Belo, levantemos os pés do chão para do alto vermos e compreendermos o Mundo.

Aprendamos a melhor maneira de dignificar a nossa condição e agradeçamos a Deus a dádiva tão generosa de o podermos fazer.

Literatura, Música, Arte — das côres e das formas.

Panaceias dos torturados, libertadoras dos oprimidos, alegrias dos que sofrem — purificadoras do Homem.

Não. A Belesa não só é ambrosia para os Deuses, tem de ser também refúgio daqueles que sofrem açoitados pela dureza da vida.

Temperemos o nosso carácter no cadinho aquecido pelo fogo sagrado e imortal do exemplo das grandes figuras da Humanidade.

Procuremos como Beethoven a Alegria na Dôr, imitemos o génio torturado que só encontrou na sua vida a Dôr e immortalizou a Alegria em Sinfonias impecáveis.

E assim aprenderemos a Viver.

Silveu

SOLILOQUIOS

A medida que se vão cultivando os povos vai aparecendo mais nítida a separação das classes sociais pelo dinheiro. Portanto: o valor do dinheiro aumenta ou é directamente proporcional à cultura dos povos. E' estúpido mas é... lógico.

O indivíduo que deixa a Pátria é assim como o peixe que só deseja a água quando fora dela.

M. C. C.

UM POUCO DE BOM HUMOR

por DR. VITT HÜSSU

ARTIGOS CIENTIFICOS (VENDA LIVRE)

Método sem método, do Dr. Haines Tain

Este método, pela sua rapidez e eficiência é preferível ao anterior; é muito simples: junta-se um protão a uma protoa. E' muito possível que a protoa passe a «patroa» e não será mesmo de admirar que dê à luz ao fim de algum tempo. Quando se fizer luz, é possível que o protão fique momentaneamente cego. Aproveita-se então este momento para o caçar com rede de pesca e dá-se-lhe com um martelo em cima. Claro que os efeitos são os mesmos do processo anterior: incêndio por atrito e explosão total.

Se a protoa não der à luz, acende-se um fósforo.

A descoberta da desintegração foi adiada durante muito tempo, por um facto digno de registo: O Dr. Jeremias Inocência Haines Tain da Silva, que foi quem teve a primazia de descobrir este acontecimento, há muito que tinha já

descoberto o processo desintegrativo. Mas quando o ia aplicar notou o desaparecimento súbito e misterioso dum protão. Intrigado, contou novamente os protões... Certo... Ia principiar a desintegração... Um a menos... Tornou a contar... Certo... Mais tarde, um a menos... Certo... Um a menos... Certo... etc. Isto, durante vários anos.

Até que um dia ouviu uma vizinha que cantava: «Eu sou o pirata da perna de pau, olho de vidro». Investigou e notou que quem cantava isto, era um inofensivo neutrãozinho de muletas que não era mais do que o protão desaparecido, o protão enigmático que durante tanto tempo, brincava com ele, às escondidas.

O maganão disfarçava-se de neutrão, com a barba crescida e de muleta, para não pagar a cota do Sindicato.

Foi expulso, e mais tarde demitiu-se. Hoje pertence às Goldwyn Girls.

FIM

OS NOSSOS GRANDES INQUERITOS

N.º I

CURTAS OU COMPRIDAS?

O «Boletim» como jornal dinâmico e moderno que é, não pode ficar indiferente aos momentosos problemas internacionais que agitam e convulsionam este já desgraçado mundo. Como tal, e à semelhança, do que se fez nos principais periódicos do Mundo, resolveu ascultar a opinião de alguns, dos principais elementos da vida académica espinhense, acerca do intrincado problema das saias curtas ou compridas, que prende actualmente a atenção de todos os Gromykos e Bevins, relegando para 2.º plano, certas questões, até então consideradas de importância vital, como por exemplo o problema da Palestina ou a questão da futura sede da A. A. E..

As respostas não deixam de ser curiosas e revelam até certo ponto, a psicologia própria de cada um.

Sou pelas saias curtas. As saias curtas deixam os movimentos livres e liberdade é o que este agitado mundo mais precisa. Liberdade... ar puro... novos horizontes!... e estes só são possíveis com a subida da saia.

Sou pelas saias curtas. Decididamente, de comprido, basta-me a mim que já o não sou pouco.

O casamento tende a acabar para cada um de nós—dizia-me, muito triste, um amigo. Sim... acaba para aqueles que vão casando...

Sou pelas saias curtas e acho mesmo que todos os bons jogadores de hóquei em patins devem preferir as saias curtas... a não ser, evidentemente, que sofram de vertigens.

Manézé

Com as saias compridas, talvez se conserve melhor o raciocínio...

A. Morais

Curtas?!... Compridas?!... Eu lá sei... Meu Deus... Talvez aquelas saudosas saias compridas, muito compridas... e largas, muito largas, debruadas a ouro... aquelas saudosas saias de balão que marcaram o apogeu dessa época... época que foi no balão... Sim... saias de balão com armação interna... já que a armação tão bem caracterizava a realza daqueles tempos... Ai que saudade.

Florentino

Sou pelas curtas!... Viva o Sporting.

J. Moreira

Sou pelas compridas... Compreendem que as saias compridas, ajudam a defender melhor as balizas.

A. Lacerda

Nem curtas, nem compridas. Sou pelo fato de banho.

Eu

Desporto

(Continuação da p. 14)

Voleibol

Sporting de Espinho, Leixões Centro Universitário e Académico.

Em virtude da desistência do adversário que lhe coube, o Leixões, e por capricho do sorteio a Académica ficou apurada para a final com o vencedor do bloco — Sporting, Centro e Académico.

Apurado o Centro para jogar com o Sporting, realizou-se a primeira mão no campo do grupo local. Debaixo da arbitragem de António Gaio, que teve trabalho imparcial, derrotaram-se os dois grupos, vencendo difilmente mas com justiça o Sporting após jogo emocionante.

Eliminado o Centro Universitário na segunda mão por falta de comparação, ficou apurada para a final o Sporting de Espinho que terá por adversário a Académica. Reunidos na final os dois grupos de Espinho, motivo de regozijo para os desportistas locais, espera-se com ansiedade o dia do grande jogo, sabendo-se de antemão do entusiasmo posto na luta a quando dum — Académica-Sporting.

Hóquei em Campo

Categorias de Honra

Começou o campeonato do Porto desta interessante modalidade desportiva, a que concorre o clube local Associação Académica, desta feita com duas categorias; honra e reserva.

Os três primeiros jogos da categoria principal forneceram outros tantos empates e, o que é curioso e até certo ponto significativo, todos a zero bolas. Esta coincidência, visto que não só a Académica de Espinho, perdeu por falta de sorte oportunidades de «goal», colocou o clube espinhense no 4.º lugar, até a data da classificação geral.

Resultados dos jogos já efectuados:

Académico - 0 — Académica - 0
Académica - 0 — Vigorosa - 0
S. C. Porto - 0 — Académica - 0

Em virtude da falta de espaço só no próximo número poderemos inserir o relatório destes jogos.

Campeonato de «Reserva»

E. Vigorosa 2 A. Académica 1

Os «neófitos» deste campeonato, visto que os espinhenses concorreram pela primeira vez em categorias «reserva», não tiveram má estreia. Contra uma equipa categorizada, conseguiram resultado muito honroso, e, para colorem em «cheque» a 1.ª categoria, marcaram um «goal». Formaram a Académica: Abel Costa; Casal Ribeiro, F. Rezende e Félix; O. Silva e Ribeiro. Madureira, Vitó (1), Serralva II, N. N. e J. Soares. Destacaram-se Ribeiro e Vitó, que foi o marcador. A arbitragem permitiu que os pontos conseguidos pelo vencedor, o fossem em posição de «of-side».

PELO DESPORTO

FUTEBOL

CONSEQUÊNCIAS DE ERROS PASSADOS...

A irregularidade da turma do Sporting C. de Espinho traz apreensivos os desportistas espinhenses

Apesar da boa vontade de alguns elementos que entraram agora na órbita dos orientadores directivos e ainda não esquecida a vontade férrea de muitos dos praticantes actuais, o nosso Sporting de Espinho continua a demonstrar grande irregularidade, mais nas exhibições feitas que propriamente nos resultados numéricos conseguidos. É certo que, para contrariar um pouco os queixumes íntimos ou exteriorizados nos cafés pelos apaixonados, não é o Sp. Espinho inferior ao que vai pelo distrito no que se refere á valia técnica dos seus grupos de futebol. No entanto como o mal dos restantes não deve servir para lenitivo dos nossos próprios males, essa atenuante não pode necessariamente ser invocada. E porque está então o grupo espinhense nestas condições?

Simplesmente, porque nem sempre — iam a dizer poucas vezes — se lutou pelo clube com unanimidade de vistas e intenções, antes houve cizões de opinião que lamentavelmente levaram muitos bons elementos directivos ao abandono dos seus cargos e funções. Essas pessoas que valiam muito, falando pouco, precisamente o inverso de certos elementos prejudiciais no todo, ainda que em certos pormenores hajam sido úteis, deixaram á vontade a opinião dos que ficaram, opinião que, como agora se vê, não tinha a necessária visão das necessidades futuras do clube. Não se pense ou deduza que pretendo atingir determinado elemento ou que a "bilis" tenha qualquer influência neste escrito, feito com intenção de justificar plenamente atitudes anteriores por mim assumidas, atitudes essas que para muitos cegos levava o rótulo de despeitado, não sabemos bem de quê, nem porquê. Acreditamos pois que alguns dos elementos que não viram a realidade das profecias (?) ditadas por muitos dos associados do Sporting, sentem intimamente quanto se enganaram, e quanto lhes pe a os erros cometidos em nome de boas intenções, alicerçadas em bom trabalho anterior. Há quem se sinta apontado com ingratidão porque se lhe assacam responsabilidades, a que não pode fugir, como se a excelência do labor anterior em prol do clube, lhe desse o direito de, em qualquer ocasião, prejudicar o que tanto tinha beneficiado.

Supomos ser de opinião geral que e "serviços prestados ao colectivo, isto é, em serviços que beneficiam ou prejudicam muitos (como no presente caso) só poderá admitir-se bom trabalho e nunca justificar-se o afundamento de uma instituição que, por ser obra de poucos, por esses poucos possa ser prejudicada ou diminuída.

Ainda que seja um só individuo o fundador de uma instituição colectiva, essa colectividade deixa automaticamente de pertencer-lhe, desde a fundação, para pertencer a todos, aos quais terá de dar contas, independentemente dos factores que aos seus olhos possam dispensa-lo dessa obrigação. Vamos até mais longe. Ainda que esses "todos" sejam " nenhuns " para o desenvolvimento da agremiação, são ainda esses " nenhuns " que compõem o colectivo com o benepalcito da Direcção que os aprovou como sócios, e aos quais sempre assiste o direito de impugnar os trabalhos das gerências e exigir-lhes cumprimento cabal.

E parecendo que se fugiu á pergunta formulada — e porque está o grupo espinhense ne tas condições? — vamos verificar que nada é mais erróneo. Na verdade, se sempre se ouvissem as boas opiniões dos associados, em lugar de se dizer — venha você para cá fazê-lo, numa atitude de ultimatum que quebrava as discordâncias por impossibilidade de esses mesmos sócios interessados ocuparem cargos do dirigente, certamente que muitos dos erros teriam sido evitados, bem como obstado a que surgissem dogmas numa sociedade colectiva como o Sporting de Espinho.

E porque os sócios também têm as suas culpas porque não arripiar caminho e enfrentar a crise com consciência, evitando críticas aviltantes a alguns directores que as não merecem?

Voltaremos ao as unto.

Higino Pires - sócio n.º 464

melhores espinhenses o que, aliado a deficiente preparação a que foram submetidos, inibiu-os de conquistar uma classificação mais de harmonia com o seu real valor.

De facto, não era possível o milagre dum conjunto afinado com quinze dias apenas de preparação. Se alguns bons resultados foram obtidos, isso deve-se unicamente á boa vontade demonstrada por todos os praticantes, sem excepção, e á maior ou menor habilidade de cada um deles. A escassez de tempo para preparação conveniente e a falta de material com que se lutou, mesmo no decorrer do campeonato, a tudo e a todos se sobrepuzeram, de nada valendo o apoio dedicado do chefe de secção, Hilário Fernando.

Que todos — Director Desportivo, Chefe de Secção, treinador e jogadores — se reunam e trabalhem com afinco e sem um momento de desânimo, na preparação das equipas, que não de representar a Associação Académica e termos no próximo ano atingido um lugar de destaque no oquei patinado.

A. Académica (A) — 4 Escola Livre — 4

Nervos, precipitação e desânimo na parte final do desafio, eis os indicativos necessários e suficientes para traduzir em palavras o que foi o jogo produzido pelos espinhenses. Não fora a belíssima actuação do avançado direito, Rodrigo e teriam os locais sofrido uma derrota ampla. Nascimento, Silva e Carvalhas estiveram desastrosos.

Marcou as bolas do grupo local o seu avançado direito.

Académico — 4 A. Académica (B) — 0

O grupo espinhense B sofreu nova derrota tendo feito uma esplêndida segunda parte em que se não marcaram bolas. A constituição da equipa foi a mesma que no desafio anterior.

Infante de Sagres — 13 A. Académica — 0

Jogo sem história em que apenas há a destacar a formidável actuação do médio Figueiredo, marcador de dez goals.

A. Académica — 4 Carvalhos — 4

O grupo espinhense, vencido na primeira volta por 7-2, lutou com afinco, mas nova exhibição desastrosa da sua defesa não permitiu melhor resultado que um empate.

Rodrigo voltou a salientar-se num conjunto em que é de facto o melhor jogador. Gaioso secunda-o bem, mas os restantes estão ainda num nível muito inferior.

A. Académica — 3 E Vigorosa — 7

As equipas B destes dois clubes proporcionaram á numerosa assistência que emoldurou o Rink de Espinho um encontro muito interessante de seguir, tendo os locais revelado acentuada melhoria.

Os estrelistas jogando sem preocupações, venceram folgadoamente demonstrando possuir o melhor conjunto nortenho.

Dos espinhenses, que alinharam com — Gato, Higino, Lopes, Clareano, Oliveira e Simplício — destacamos o prometedo avançado-esquerdo, Clareano, marcador das bolas do seu clube.

A. Académica — 5 E Vigorosa — 2

Jogando no seu campo e perante um público bastante entusiasta, conseguiram os académicos a sua primeira e única vitória, aliás com todo o merecimento.

Destacar um ou mais nomes seria difícil num conjunto onde predominou a ligação entre os seus componentes.

Alinharam e marcaram pelos espinhenses:

— Nascimento, M. Silva, Gaioso, Rodrigo (3), Barros e Carvalhas (2).

A. Académica (B) — 2 Académico — 2

Os académicos portuenses que na primeira volta tinham obtido um triunfo folgado, não foram desta vez além dum empate perante um adversário que se apresentou melhorado em relação aos primeiros jogos.

Alinharam pelos locais: — Gato, Higino, Tarrafa, Lopes, Clareano e Oliveira, que foi o marcador de ambas as bolas do seu grupo.

Escola Livre — 4 A Académica (A) — 3

Os jovens espinhenses, perdendo em Oliveira de Azemeis, comprometeram definitivamente a sua entrada na poule em benefício do seu vencedor.

O resultado final premeia a equipa mais feliz no remate, tendo a A. A. Espinho falhado nada menos de quatro grandes penalidades, três das quais nos primeiros cinco minutos de jogo e quando o marcador acusava ainda 1-0 a seu favor.

O grupo vencido alinhou com: — Nascimento, M. Silva, Gaioso, Rodrigo, Carvalhas (1) e Barros (2).

* * *

E agora, que os espinhenses vão entrar numa fase de preparação para futuras competições, resta-nos relançar um olhar sobre a actuação individual dos nossos juniores. É o que faremos no próximo número.

Virgínio

Voleibol

Torneio de Encerramento

Ao instiur para este torneio a Taça de "O Comércio do Porto" pretendeu a A. V. P. prestar homenagem ao jornal que mais carinho e espaço tem dedicado a esta modalidade considerada pobre.

Ao contrário do que se esperava, não corresponderam á iniciativa alguns dos clubes com maiores responsabilidades, fugindo assim a um dever de gratidão para quem tanto tem auxiliado a modalidade.

Concorreram a este torneio os seguintes grupos: Académica,

Continua na pág 2

Hoquei em Patins

Campeonato de Juniores

Após mês e meio de competição terminou a fase preliminar deste campeonato e, com ela, a actividade oficial dos miudos (I) espinhenses. A actuação destes

não foi feliz e se os componentes do grupo B — Gato, Higino, Lopes, Tarrafa, Simplício, Clareano e Oliveira — se comportaram sempre na medida das suas possibilidades, o mesmo já não aconteceu no respeitante ao grupo A — Nascimento, Manuel Silva, Gaioso, Rodrigo, Barros e Carvalhas. A noção das responsabilidades pesou demasiado no ânimo dos



A Grande Lição

Para amar e compreender a Natureza não basta ser-se campista. É preciso prestar atenção às coisas mais simples se se quiser ver a graça e a perfeição dos aparentemente mortos e a maravilhosa organização da vida de pequenos e laboriosos seres. Torna-se difícil para o principiante com a atenção dispersa perante um novo mundo de sensações imprevisíveis, saber ver aquilo que o rodeia. É de deslumbramento a impressão dos primeiros dias passados ao ar livre e cheios de novos horizontes, mas com o tempo vem o conhecimento calmo e detalhado dos elementos que conosco formam um conjunto sãbiamente organizado. É desse conhecimento que nos vem o amor da Natureza, guia fiel nas nossas digressões pelo campo.

No entanto, além da contemplação quer duma paisagem quer dum ser minúsculo, procuremos assimilar a grande lição existente na Natureza. No estudo do vida animal que nos rodeia, poderemos ver preciosos ensinamentos que podem constituir inspiração para o aperfeiçoamento da nossa Sociedade. Para exemplo atentemos na maneira como estão organizadas certas classes de insectos em sociedades mais perfeitas sob o ponto de vista da ordem e do trabalho do que qualquer sociedade humana. Senão, vejamos o que nos dizem acerca da vida das abelhas — « Na verdade, as abelhas possuem: creches, assistência pública, trabalho racionalmente parcelar para ser mais produtivo, defesa nacional obrigatória, equiparação de classes, intolerância à ociosidade, sanidade pública e, sobretudo isto, um grande princípio dominando as consciências: o amor da prosperidade colectiva ».

Mas a grande lição não reside no estudo parcial da Natureza, ela está na observação das transformações que se operam com o desenrolar sucessivo das estações do ano.

Chega a primavera — o princípio, a floração da vida; vem o verão — a mocidade, a força; sucede o outono — a maturação; e finalmente o inverno — o declínio, a morte.

Contudo, a vida não para porque a morte é illusória e da semente floresce nova primavera, e nesta sucessão, a planta vai-se desenvolvendo e a árvore vai crescendo, cada vez maior.

Também o homem deve saber que a existência não é ingloria, porque o seu trabalho é semente que florirá em prol da gigantesca árvore da civilização.

Em 31 de Dezembro

Número Especial

Comemorativo do X Aniversário da A. A. E.

Talvez seja verdade que...

QUE a Associação Académica de Espinho elaborou um programa para os festejos comemorativos do seu X Aniversário do qual fazem parte espectáculos de carácter artístico, cultural, recreativo e desportivo...

QUE com a aproximação do período eleitoral os habituais fazedores de listas andam em grande azáfama, esperando-se assim umas eleições renhidas e talvez engraçadas...

QUE há alguns membros da actual Direcção que aguardam a sua reeleição como «o pão nosso de cada dia»...

QUE Amparo Santiago vai ter a sua festa de despedida de praticante de oquei em patins num Torneio Relâmpago a efectuar no Natal...

QUE as primeiras categorias de oquei em campo da A. A. E. tiraram uma assinatura de jogos empatados...

QUE a Secção de Voleibol da A. A. E. foi bafejada pela sorte no Torneio de Encerramento, da Associação Regional do Norte, para o qual foi instituída a Taça «O Comércio do Porto»...

QUE o regresso de Abel Santiago está para breve... o que nos apraz registar...

QUE o árbitro, aliás competente e honesto, teve muitas falhas no jogo Escola Livre — Ass. Académica, em Oliveira de Azeiteis...

QUE o dito árbitro se chama Armando Veloso ao qual foram dedicadas referências elogiosas pela imprensa do Sul, quando da sua arbitragem em Lisboa, no Norte-Sul...

QUE afinal o "protegido" do sr. C. de Brito o "inocente" juiz Romão Santos não foi o árbitro do Norte... nos jogos Norte-Sul.

QUE começou o "saneamento" no hoquei em campo...

QUE a "doença" do hoquei em patins está a grassar em Espinho...

QUE o Anibal Lacerda é um dos melhores guarda-rêdes de hoquei em campo... e que vai ser convocado para a selecção do Porto...

QUE as "reservas" da Académica nesta modalidade vão entrar com muita vontade, mas pouca técnica...

QUE o Presidente da Federação Portuguesa de Patinagem sr. Cap. Santos Romão vem a Espinho assistir ao X Aniversário da Ass. Académica...

QUE se espera a presença do sr. Dr. Ayalla Botto, digno Inspector da Direcção Geral dos Desportos no Torneio do Natal, bem como na Sessão Solene do X Aniversário...

QUE o chefe de secção e treinador de futebol do Sporting de Espinho, dispensam que lhes apresentem a melhor formação do Sporting, visto que isso só lhe complica o trabalho...

DIDI

Da conferência periodica com o

Sr. Presidente da Câmara Municipal de Espinho

Continuação da pág. 1

suficiente para um eficiente policiamento da zona urbana do concelho. Segundo dos informou o sr. Cap. A. Santos é muito provável que o referido posto seja em breve uma realidade.

Sendo verificado pela Câmara que os serviços de limpeza e higiene da vila, deixam bastante a desejar, especialmente por se tratar de uma estância de Turismo, vai ser recrutado mais pessoal para os respectivos serviços, de modo a ficar assegurada a consecução de tal desejo. Procurar-se-à aumentar o número de locais ajardinados é cumprir o que à Câmara compete ou que se refere a ruas e passeios, o que nem sempre foi cumprido como era mistér. Assim, os passeios que por determinação camarária foram cortados ou alongados serão reconstruídos ou rematados, para cumprimento por parte da Câmara do que pelas Posturas Municipais é exigido aos munícipes.

Aos conterrâneos e habitantes de Espinho, cumpre auxiliar a Câmara nestas determinações, dando completo cumprimento às posturas, de modo a evitar-se o uso da força legal. Convinha que os proprietários de terrenos murassem as suas propriedades, evitando-se as montureiras e lixeiras que não só prejudicam a saúde pública como o aspecto geral da vila, aparte o desleixo pessoal que, com tal atitude, possam, os ditos proprietário, demonstrar.

Aproveitando o facto das obras de emergência feitas de frente da Piscina-Solário, é provável que a empresa proprietária, o que seria do agrado da Câmara, evite a construção de novo muro de vedação transformando a praia ao norte da rua 15 em praia privativa, com todas as vantagens inerentes e sobretudo com a virtude da originalidade.



As actualidades e restantes complementos cinematográficos

O público, essa bisonha amável, gama de inconstâncias, dedicada sem sombra de dúvida, aos complementos cinematográficos, presta muito maior atenção do que a primeira vista possa imaginar-se o que é reconhecido pelos gerentes dos bons cinemas. A disposição desse público é beneficiada ou prejudicada profundamente conforme a "entrada" que lhe servida apresenta bom ou mau aspecto. Isto é, o espectador é influenciado no cinema, exactamente como o comensal ou eventual é influenciado pelo "hor d'oeuvre" nos hotéis. Se o acepipe é bom, bem apresentado — dizem que os olhos também comem — a disposição beneficia, couraçando o interessado contra uma ou outra falha nas especialidades culinárias seguintes, sucedendo precisamente o inverso se a entrada deixa a desejar. Igualmente acontece nas sessões cinematográficas. Por essa razão os exibidores que primam pela realização dos seus fins, servir o público e defender os seus interesses materiais, evitam a todo o transe incluir nos seus programas "Actualidades" que tresandam a antiguidade, filmes musicais deteriorados, documentários velhos e já vistos e revistos na mesma sala, exibição de orquestras excêntricas onde a música não tem lugar, curiosidades que fazem adormecer quem não tem sono e outros, tais como desenhos animados falhos de graça e de colorido berrante, viagens que eram completas e agora ficaram truncadas pelos cortes e colagens, etc., etc.

Destas "prendas" muitas nos foram distribuídas no "Teatro Aliança", especialmente nas sessões da semana, o que — vamos lá — os preços, o edifício, o aparelho, velhos também, até certo ponto justificavam. Pelas razões inversas, preços, edifício, o aparelho, não se pode compreender que no "Teatro S. Pedro" não sejam fornecidos "mamarrachos" desse género, embora reconhecamos — por enquanto — que não foi menosprezado o gosto do público, nem enovelhada a boa categoria da gerência do "Teatro S. Pedro"...

Bernardo Xé

Peço a palavra...

Continuação da pág. 1

É precisamente estes pequenos nada que há a ter na devida conta e sobre os quais urge esclarecer os leitores do «Boletim». E, como o esclarecimento não cabe no corpo de um só artigo, vamos, com o presente, iniciar uma série que tratará do assunto em causa.

K 1 M

Carta de Longe

Há uns poucos de dias que me aflige uma única ideia: ter de escrever mais uma "Carta de Longe"! O Tempo, célere, vai correndo, correndo... e não tem pena de mim. Pois se nunca teve pena de ninguém!... Todos os meses — é o costume — vem-me daí de Espinho, numa letra quasi nervosa, a habitual mensagem: — por amor de Deus, envia-nos, até amanhã, a tua colaboração. Fico apreensivo, humilhado. E sei que não há desculpa que possa salvar-me. Mas ainda bem que me entristeço. Se me vangloriasse, teria perdido já uma alta virtude: a do cumprimento do dever. Sim, que eu tenho um dever a cumprir...; lembrar-mo, é algo que me desacredita. E era tão fácil evitá-lo!... Bastava não persistir no erro. Doutra maneira, a história há-de continuar! O que tem graça, ou melhor, o que não tem graça nenhuma é a decisão que a mim mesmo imponho duma emenda radical, inabalável. Querem saber?... — pois lá vai...

Logo que o "Boletim" vem para a rua, digo cá com os meus botões: — E se eu escrevesse, imediatamente, a "Carta de Longe", destinada ao próximo número?... E' o que vou fazer! — Mas não sei como estas coisas me sucedem!... O Tempo, célere, vai correndo, correndo... e deixa-me sósinho, para trás. Sou o "lanterna vermelha". Qualquer dia, entro na meta, depois do "contrôle" fechado!

Desta vez — isto tinha que ser, mais tarde ou mais cedo — jurei reabilitar-me. Ou agora ou nunca! Dispus-me. Ainda bem! Para tanto, o que me aflige, neste momento de resgate, não é a sofreguidão com que o ponteiro do relógio devora todas as minhas horas de ócio — é, antes, esta relutância de seguir avante, que imobiliza o aparato da caneta, quando até a lisura do papel — seu caminho de mediocridade ou de glória! — parece convidá-lo a prosseguir! Sim, meus amigos... não me contrista saber-me aqui sentado à mesa de trabalho, envolvido de sombra e de silêncio, quando lá fora, neste Domingo de Novembro, gárrulo e vibrante, ainda há sol e cantigas, fôlhas verdes e chilreios!

Não, não invejo a mocidade que se dá ao amor e à vida — este rancho de moçoilas e rapazes que mesmo agora vão ali adiante, talvez a caminho dum magustol. Não, não invejo a alegria daquele bando de crianças, (menino triste que já fui!) exibindo, no largo terreiro, seus arcos de ferro, suas bicicletas de pau. Não, não invejo os que não têm preocupações; os que falam, sentados à porta, dos que passam e dos que nunca passaram; aqueles que ainda ontem beberam certo vinho novo e já hoje o recordam com saudade; os que lêem o jornal e os que ouvem rádio; os adeptos da bola e os que vão, porque go-tam, dançar e mostrar-se onde um alto-falante assassina a música, o português e a moral; enfim, não invejo — repito — os que gozam, ao sol deste domingo e



Uma surpresa... esperada!!

A Câmara Municipal foi autorizada, por intermédio do Ministério das Finanças, a contrair um empréstimo de 2.652 contos na Caixa Geral de Depósitos e Previdência, para prosseguimento, em ritmo que sirva a urgência do empreendimento, do abastecimento de água à vila de Espinho. Verifica-se pois que sendo a "nova" esperada (há tanto tempo!!) essa demorada espera quasi nos desesperou, razão porque a certeza da notícia nos surpreendeu pela rapidez do crédito obtido, o que certamente se deve á persistência da actual edilidade municipal. E assim, sem o espanto de certos homens públicos, vai a Câmara actual resolvendo alguns dos problemas de maior urgência, com decidida intenção de os "liquidar" um a um. Como espinhenses, Honra lhes seja.

A "utilidade" da Ass. Académica de Espinho, precisa ser auxiliada

Li com manifesta satisfação e com certa surpresa — confesso — a noticia dada no n.º 4 do "Boletim", na rubrica "Determinações da Ass. Académica de Espinho", que esta prestimosa e útil colectividade espinhense resolveu atribuir 10% da receita líquida da sua cotização anual, dividida em partes iguais de 5%, a duas instituições de utilidade pública como são o Instituto Português de Oncologia e a Assistência Nacional aos Tuberculosos.

A noticia no seu laconismo pode ter deixado indifferente um público ávido de noticias de sensação, por isso mesmo desprovido da observação que o facto requiere e merece. E senão vejamos. A colectividade em referéncia é uma agremiação de poucos recursos financeiros para atender ás necessidades do cumprimento do seu Programa.

Mau grado isso, não só cumpre o Programa Desportivo, Recreativo e Cultural, como abraça com a noção nitida das suas responsabilidades clubistas, a feitura de obras de utilidade humanística e social. Não tem um campo de jogos, não tem sede (o que pode agradecer a determinados "beneméritos"), não recebe subsídios, tem poucos sócios contribuintes, pratica desportos pobres, etc., etc., mas tem ainda para dar aos outros algum do pouco que lhe fica. Da invulgaridade de dádivas em situações identicas muita conclusão se poderia tirar, e muitas "lições" se poderiam dar.

Observada com atenção a obra ignorada, mas muito valiosa, desta modesta colectividade espinhense, será forçoso reconhecer que os jovens da Académica de Espinho não merecem o abandono a que têm sido votados. Deste mo-

do, a colectividade em referéncia que possui utilidade pública, precisa ser acarinhada pelos seus conterrâneos e, muito especialmente, pelas entidades superiores do concelho.

Frio condicionado!!

O excelente "Teatro S. Pedro" inaugurado há poucos meses, tem como se sabe instalações para condicionamento de ar. Isto quer dizer, que atmosfera da sala pode ser renovada com ar frio ou quente, conforme se trate das quadras de verão ou inverno. Sucede porém, e apesar do frio ainda não ter apertado, que na plateia se está a gosar de "frio condicionado", que vem das portas que dão para a Rua 23. Resulta que o frio se sente mais quando a friesa do público o obriga a brilhar pela ausência, o que talvez tenha explicação no preço dos bilhetes durante a semana, que, contrariamente ao que seria de esperar, é igual ao dos domingos. Mas como o preço é coisa que mais compete aos gerentes administrativos do "Teatro S. Pedro" do que a nós, resta-nos chamar a atenção da empresa para o facto apontado que merece o maior cuidado.

Um movimento de 92 (!!)

combóios diários.

Espinho, cujo desenvolvimentocom estância de Turismo muito deve ao seu atraso, á localização do leito das vias de camíghos de ferro que a atravessam, continua suspirando pela resolução — que é uma das mais importantes e urgentes — do problema da transferência das linhas para o local já escolhido, a nascente da vila. E por ser curioso, e significativo, inquirimos quantos combóios atravessam diariamente a vila, arrastando consigo o insolucionado problema das passagens de nível «eternamente» fechadas. São nada menos de noventa e dois combóios, entre "tramas", correios, rápidos, mixtos, auto-motoras e mercadorias, excluindo ainda o movimento extraordinário de locomotivas isoladas ou combóios especiais.

Dando a cada um dos combóios uma demora de 10 minutos em média, visto que se há os que demoram 3 minutos, também os que demoram — ia dizer moram — 3 horas (!!), encontra-se o seguinte resultado: nas 24 horas de cada dia, a vila está dividida pelas «fronteiras de nível» pelo espaço de mais de 15 horas.

Temos pois unicamente, de dia e de noite, 9 reduzidas horas livres (se não aparecerem as tais locomotivas) para esquecer a negregada «passerelle» no caso da categoria de peão. E quem tiver automóvel... já sabe o que sofre.

Quando se cortará este nó gordio. (lf)

Varius

Carta de Longe

na bonomia aldeã, tudo que a vida tem de belo, risonho e digno de ser vivido! Não, meus amigos, nada disso! Só me entristece — acima de tudo — sentir em mim, grande de mais para ser só minha, uma indizível emoção... e não saber contá-la a mais ninguém! Ah! se eu a pudesse traduzir!...

E' por isso que há uns poucos de dias me aflige uma única ideia: ter de enviar para o "Boletim" a "Carta de Longe" deste mês! Decididamente, não a sei escrever. Nem á falta de tempo posso atribuir a culpa. Dos fracos não reza a História! Mas se eles são a argamassa do pedestal dos heróis, benvindo seja quem saiba dizer o que eu não sei!

Eugenio Paiva Freixo

S. Ex.ª a "Moda"

Continuação da pág. 8

Porque dentro dos princípios plásticos e estéticos, a Mulher nunca teria consentido nisso; ter-se-ia oposto e mantido teimosa negação, uma vez que para Ela os vestidos compridos não passavam de arma destruidora contra a graça e elegância femininas.

Lá que às nossas avós fiquem muito bem as saias até aos tornozelos e lhes dêem mesmo um certo ar de distinção concordamos; mas em si, minha senhora (que é nova e bonita), tais saias, que têm tanto de ridículo, ficam-lhe simplesmente horríveis!

E depois nós, homens, para não destoarmos do conjunto, para que não se estabeleça paradoxo, passaremos a usar a calça afunilada, o casaco justo, os colarinhos revirados e gomados; e nestas condições (assestando o monóculo e cofiando as pontas do bigode frizado!) curvamo-nos ligeiramente e beijamos a mão à menina que se abana com um grande leque, dizendo-lhe ao mesmo tempo num muito diplomático: — V. Ex.ª que dar-me a subida honra de dançar comigo este Swing?!...

Concordam que é irrisório, é não verdade?

Enquanto que o mundo avança para o Progresso, Mulher (obedecendo á moda) caminha, obstinadamente para o Retrógrado!

Desejávamos, pois, que a mulher se preocupasse com assuntos de valia, repudiando essa mania de querer julgar-se em 1900!

D. Sebastião

Informações úteis

OS PREÇOS DO AZEITE

Da I. G. A. em Espinho, recebemos a seguinte nota de preços de venda ao público, de azeite da Campanha de 1947/48:

Extra	Meio-Extra	Fino	Consumo
13\$75	13\$35	12\$85	12\$05

Importante: O azeite referente a Novembro é acrescido de \$10 por litro, por ser oriundo de armazenistas de Coimbra.



Direção de: Florantino Goulart Nogueira

ANTOLOGIA

Antimes Armand - Dubois

por ANDRÉ GIDE

Tradução de Lopo Goulart Nogueira

André Gide nasceu em 1879, em França, de família protestante. Os seus primeiros livros classificaram-no logo como vulto destacante nas letras francesas contemporâneas. Dentro em pouco, era considerado um Mestre e exerceu notável influência nas literaturas estrangeiras. Foi íntimo amigo de Oscar Wilde, traduziu clássicos ingleses e é doutor "honoris causa" pela Universidade de Oxford. Entre as suas obras mais célebres estão: "Les Faux-Monnayeurs", "Les Caves du Vatican", "La Symphonie Pastorale", "Le Prométhée Mal Enchaîné", "L'Immoraliste", "Dostoïewsky", "Retour de l'U.R.S.S.", "Journal", "Saül" (teatro), "Le Roi Candaule" (teatro), "La Troisième arbre" (teatro), "Si le grain ne meurt", e "Corydon". Estas duas obras últimas são comparadas por André Rousseaux às revolucionárias "Acta da Supremacia" e "Proposições de Witemberg". Gide, efectivamente, chegou, às vezes, a autor sensacional: "Corydon" defende a pederastia, "Retour de l'U.R.S.S." são impressões do marxista que, visitando a Soviécia, torna à França desiludido. André Gide influenciou bastante a geração portuguesa de "Presença" e recebeu de Oscar Wilde a filosofia estética da "arte pela arte". "Observador do coração humano, como Stendhal; analista joieiro dos pormenores; duma percepção quasi divinatória (filha da sua sensibilidade afinadíssima) e dum racionalismo quasi árido (produto da sua educação protestante); poeta como o documentam as "Poesias de André Walter" e tanto dos seus romances; laureado com o Prémio Nobel da Literatura; — André Gide é um grande, um enorme artista e um magnífico, um nobre coração. Aos leitores do «Boletim», oferecemos hoje o cap. V (no próximo número publicaremos o VI) do Livro I de "Les Caves du Vatican" que Lopo Goulart Nogueira está a traduzir.

Não, não foi no seu laboratório que se deteve Antimes. Atravessou rapidamente esta oficina onde acabam de sofrer os seis ratos. Porque se não demora no terraço que um ocidental luar inunda? A seráfica aluminação nocturna, pacificando-lhe a alma rebelde, incliná-lo-ia talvez... Mas não: ele foge ao cício. Pela incómoda escada de caracol, chegou ao pátio que atravessa. Esta ligeireza enferma é trágica para nós que conhecemos a preço de que esforço ele consegue cada passada, a preço de que dor ele compra cada esforço. Quando veremos dispender no bem uma assim selvagem energia? Às vezes um gemido escapa-lhe dos lábios torcionados; as feições convulsivam-se. Onde o conduz aquela ímpia raiva?

A Madona — que, das suas mãos ofertantes deixando correr a graça e o reflexo dos celestes aios sobre o mundo, vela sobre a casa e parece que intercede até pelo blasfemador — não é uma destas estátuas modernas como as fabrica em nossos dias, com o cartão — romano de Blafafás, a casa de artes Fleurissoire — Lévi-chon. Imagem ingénua, expressão da devoção popular, ela, por tal, só surgirá mais bela e mais eloquente aos nossos olhos. Iluminando a face exangue, as mãos irradiantes, o manto azul, — uma lanterna à face da estátua, mas bastante longe à frente dela, pende de um tecto de zinco, que sobressai do nicho e abriga ao mesmo tempo as promessas dependuradas, dos lados, nas pare-

des. Ao alcance da mão de quem passa, uma pequena porta de metal donde o bedel da paróquia tem a chave, protege a voluta do cabo de cujo extremo a lanterna pende. Também dois círios ardem dia e noite diante da imagem como Verónica os levou há pouco. Vendo estes círios que ele sabe arderem por ele, o pedreiro-livre sente atear-se o seu furor. Beppo que, no remanso da parede onde fica o nicho, acabava de mastigar uma côdea e alguns pernis de funcho, corre-lhe ao encontro. Sem responder à sua cortez saudação, Antimes agarrou-o pelo ombro; curvado em cima dele, o que diz que faz estremecer a criança?

— Não! não!, protesta o pequeno. Do bolso do colete, Antimes tira uma nota de cinco liras; Beppo indigna-se... Mais tarde roubará, talvez; matará mesmo; quem sabe de que sordidos salpicos de lama a miséria manchará a sua frente? Mas levantar a mão contra a Virgem que o protege, para quem ele suspira em cada noite, antes de adormecer, a quem ele sorri, cada manhã, ao primeiro despertar!... Antimes pode experimentar a exortação, a corrupção, os maus tratos, a ameaça, — nada obterá dele senão a recusa.

Quanto ao resto, não nos enganemos. Antimes não quer, não precisamente a Virgem; são especialmente os círios de Verónica que ele deseja. Mas a alma simples de Beppo não consentessas tonalidades; e, além disso, estes círios agora consagrados,

ninguém tem o direito de os apagar...

Antimes, que esta resistência exaspera, repeliu a criança. Ele agirá sozinho. Encostado ao muro, pega na muleta pela ponta, toma um terrível lanço a baloiçar o cabo lá atrás e, com toda a força, atira-a ao ar. O pau dá na parede do nicho, recai no solo com fragor, arrastando ele nem sabe quanta calça, quantos destroços. Retoma a sua muleta e recua para ver o nicho... Pelo inferno! os dois círios continuam a arder. Mas que quer dizer aquilo? A imagem, em lugar da mão direita, mostra apenas um toco de metal negro.

Recobrando a razão, ele contempla um instante o triste resultado do seu gesto: chegar a este ridículo atentado... apre! que é demais! Com os olhos procura Beppo; a criança fugiu. A noite fechou-se; Antimes está só; avista no pavimento o destroço que há pouco a sua muleta deitara abaixo, pega-lhe; é uma pequena mão de estuque que, com um encolher de ombros, ele mete no bolso do colete.

Ruga na testa, raiva no peito, — o iconoclasta sobe agora ao seu laboratório; queria trabalhar mas este esforço abominável quebrou-o; não tem coração senão para dormir. Decerto, ele vai meter-se na cama sem dar as boas-noites a ninguém... No momento de entrar no quarto, um rumor de vozes, porém, fá-lo parar. A porta do quarto vizinho está aberta; Antimes insinua-se na sombra do corredor...

Semelhante a um anjinho familiar, a pequena Júlia, em camisa, está em cima da cama, ajoelhada; à cabeceira, no banho luminoso da lâmpada, Verónica e Margarida, ambas de joelhos; um pouco atrás, de pé, junto da cama, Júlio, com uma das mãos sobre o coração, com a outra cobrindo os olhos, numa atitude simultaneamente devota e viril: escutam a criança a rezar. Um grande silêncio envolve a cena e tal que faz lembrar ao sábio certo poente tranquilo e de oiro, na margem do Nilo, onde como esta prece infantil se eleva, se elevava uma fumaça azul, muito direita para um céu muito puro.

Sem dúvida a prece está no fim; a criança, agora, deixando as fórmulas que aprendeu, roga abundantemente, conforme os ditames do seu coração; ela pede pelos orfãos, pelos doentes e pelos pobres, por sua irmã Genoveva, por sua tia Verónica, pelo seu paizinho; para que a vista da sua querida mãezinha seja curada depressa... Entre-

Em Janeiro de 1948 começaremos a publicar uma Separata Cultural do Boletim.

Terá 16 pág. do form. 20x27 e incluirá secções de: Ficção em Prosa, Poesia, Crítica Literária, Espectáculos, Artes Plásticas, História, Filosofia, Vários Assuntos.

«O que tu buscas no amor é amizade»

(Paul Gérauld)

*

«Amar é encontrar na posse exaltação do desejo»

(Paul Gérauld)

*

«Amor, és tu? Amor, tu que me fugiste, quando julgava ter-te voltas para mim? Tenho-te, tenho-te, não me fugirás mais oh, meu prisioneirozinho, tenho-te no meu corpo. Vingate! Come-me! Roedor, rói o meu ventre! Nutre-te do meu sangue! Tu és eu própria. És o meu sonho. Visto que não te pude encontrar neste mundo fiz-te com a minha carne... E agora, Amor, tenho-te! Sou aquilo que amo...»

(Anita, no romance de Ramon Rolland, «Alma Encantada»)

*

«Os livros são um mundo substancial, ao mesmo tempo puro e bom, em que podem crescer com laços tão fortes como os da carne e do sangue, o nosso divertimento e a nossa felicidade»

(Wordsworth)

*

«Dis-me quem admiras, dir-te-ei quem és»

(Sainte-Beuve)

*

«Foram sempre os livros que fizeram as revoluções»

(De Bonald)

mentes, contrai-se o coração de Antimes; da porta, muito alto, num tom que ele desejava que fosse irónico, ouvem-no no outro extremo do aposento a dizer:

— E para o tio, não se pede nada ao Santo Deus? A criança, então, numa voz extraordinariamente firme, recomeça, com grande espanto de todos:

— E rezo-vos igualmente, meu Deus, pelos pecados do tio Antimes.

Estas palavras, atingem cheio o coração do ateu.

SOLCRIS

...é um store

ARMAZEM DE MERCEARIAS

Cereais — Toucinho
Gorduras — Sabões

Aires & Magalhães, L.da

605 — RUA 22 — 609
(Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342
ESPINHO

Agrupamento Comercial e Industrial, L.da

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM
ESPELHAÇÃO
FOSCAGEM
Gravura artística
em vidro



CRISTAL
EM CHAPA
Vidro impresso
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: OVAR LARGO 1.º DE DEZEMBRO

DUARTE & C.ª

— Armazenistas de Merceria —
Rua 19 - ESPINHO

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

Mercearia Porto ESPINHO

Rua doadores, 104 - Tel. 3771

— GAIA —

Rua Dezanove - Telef. 16

SABOARIA ATLANTICA

Rua 26 ESPINHO

Cadinha & Couto

Armazenistas de Merceria
Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO
Telefone, 52
ESPINHO

DIAS & IRMÃO, L.DA

Armazenistas — Merceria fina
Unicos agentes oficiais do concelho
de Espinho dos Radios PHILIPS

Rua 8 n.º 583
ESPINHO

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

SOL D'OIRO

(DEGADO AO TEATRO S. PEDRO)
RUA OITO
(Caves da Sede do Sporting Espinho)

Cernejaria, Café, Bar com
secção de Adega Regional

ARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS
— CHÁS E CAFÉS —
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVAS

TELEFONE N.º 37
APARTADO 37

União Comercial de Espinho, L.ª

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFACTÃO E MOAGEM
LICORES E XAROPES
— UNIÃO —

Rua 19 — 409 a 421
ESPINHO

PADARIA PROGRESSO

DE

Manuel Maria Valente

DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS

Fabrico esmerado de todas
— as qualidades de pão —

Telefone 6 (PARAMOS)

SILVALDE

PADARIA MECANICA

A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo,
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84 ESPINHO

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS
— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Mila-
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.ª
Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-
landeses, L.ª
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telef. 21
gramas: FARINHA:
APARTADO. 5

Rua 62-ESPINHO

PADARIA PRIMOROSA

de AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-
lidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833 ESPINHO

TIPOGRAFIA PROGRESSO

Execução de trabalhos tipográficos
em todos os géneros

RUAS 11 E 20

ESPINHO

SE BOM SÓCIO
DA
ASS. ACADÉMICA
ASSINANDO O
Boletim

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Boletim

A ASSINANTE
DO
Boletim
ARIANDO
INANTES

S. Ex.ª a "Moda" e as Reacções Femininas

Desde tempos inmemoráveis que Mulher e Moda caminham paralelamente (de braço dado) pela mesma estrada das evoluções. Todavia e apesar de marcharem a par, tem a Moda sobre a Mulher autoridade absoluta-soberania a que ela nem sequer tenta oferecer resistência; acata, resignada, todas as ordens dadas pela Ditadora, ainda que por mais extravagantes nos pareçam.

Grande é, pois, a vitória para a Moda, dado o orgulho e vaidade que são apanágio da Mulher! Mas mesmo assim—não obstante a realidade—quere a Mulher (que é escrava!) tomar foros de Rainha!?

Porém, a verdade é que a Moda já provou categoricamente com esta novidade (já velhíssima...) das saias compridas, quanto valem o seu poder... e as suas exigências.

Ora esta petulância da D. Moda faz evocar-nos, com um riso escarzynho, uma época já distante — a juventude dos nossos avós!!!

E ora vejamos...
Que faz a Mulher ante tal decreto? Acaso se lhe opoz tenazmente para que não vingasse? Porventura esboçou o menor gesto de contrariedade? Foi suficientemente corajosa para derrubar a canga que a pouco e pouco se vai tornando mais pesada, acabando por estrangulá-la? Não! nenhuma destas reacções se produziu na Mulher. Pelo contrário, curvou a cabeça e correu, esbaforida, a descer as bainhas dos vestidos... Eis como Ela agiu!...

Alta prova de amesquinhamento, de espírito escravizado!...

Continua na pág. 5

A Secção Cultural da Ass. Académica de Espinho e o seu programa de realizações

E' um facto de observação corrente, o acentuar-se dia a dia a falta de interesse da maioria da gente nova pela aquisição de conhecimentos, pelo apuramento do senso artístico, pela formação e correcção do carácter, numa palavra por todas as questões que interessam ao espírito.

São múltiplas as causas de tal situação e uma delas é sem dúvida a indiferença do meio em relação ao próprio problema. A resolução da Ass. Académica de intensificar a Secção Cultural já de si uma louvável reacção contra essa indiferença.

Não basta porém reagir, é necessário interessar, para produzir alguma coisa útil e duradoura. Urge escolher acertadamente os meios de acção e assegurar a continuidade do esforço a produzir.

Os meios de acção actuais, que polarizam, quasi totalmente, o interesse da grande maioria e são pela sua natureza factores de formação intelectual e moral, são o Cinema, o Livro e o Desporto. O Cinema, que podia ser o mais completo e acessível meio de divulgação de conhecimentos e da criação de elevado padrão artístico e moral, está hoje dominado pela ideia primordial do lucro com a consequente subordinação às preferências quasi sempre más da maioria e deixa de ser um factor de cultura para ser muitas vezes um espectáculo indecoroso.

O Desporto, habitualmente chamado "escola de virtudes",

deixou-se subordinar na maior parte dos casos pela ideia da vitória acima de tudo, criando nos praticantes e nos espectadores um complexo de parcialidade e rancor pelo adversário que está em franco desacôrdo com os princípios fundamentais que o deviam orientar. Resta o Livro do qual se faz quasi sempre um uso moderado e mal aproveitado. Pode-se afirmar que se lê pouco e se lê mal.

E uma das razões principais de tal facto é a incapacidade da aquisição. O remédio é conhecido, a instalação de bibliotecas, mas bibliotecas "vivas" que pelas suas características possam ser de real utilidade.

A maior parte das pessoas não pode ler quando quer nem a horas previamente fixadas. Pode, quando muito, ler em casa e em ocasiões independentes de horários. Há-de ser possível a criação duma biblioteca na Ass. Académica de Espinho nas condições desejadas, sendo esse um dos problemas que tem de enfrentar a sua Secção Cultural. De resto não pode limitar-se a isso a actividade cultural da A. A. E. E' também possível a organização de Ciclos de palestras (sem preocupação de exhibicionismo ou ostentação) nas quais se versem assuntos afins e se divulguem nocões acessíveis e necessárias dos vários ramos do conhecimento humano e em que tomem "parte activa" aqueles mesmos a quem elas se destinam.

ORFEÃO

Embora os ensaios decorram com normalidade, a direcção do Orfeão debate-se com um problema que a conservar-se sem solução, comprometerá o êxito dum iniciativa que veio preencher uma lacuna na vida da mocidade espinhense. O problema está no número reduzido de elementos presentes aos ensaios, número esse insuficiente para a organização dum bom orfeão.

Chega a tornar-se incompreensível a dificuldade de agrupar 100 rapazes numa terra como Espinho onde abunda a mocidade. Já é tempo de se compreender que existe alguma coisa além do desporto.

Tendo esperança em melhores dias, está a preparar-se a apresentação do Orfeão, no Salão Nobre dos B. V. Espinhenses só para sócios e convidados.

Integrada nas comemorações do X Aniversário da A. A. E. aquela apresentação além de aquecer o entusiasmo dos jovens orfeonistas servirá para se julgarem das possibilidades artísticas do nosso Orfeão.

Vogel

E ainda como meio de unir esforços e criar interesse pelas coisas da arte, se impõe a expansão do Orfeão e do grupo Cénico da Académica de Espinho que "em família" nos poderão proporcionar espectáculos agradáveis e úteis.

Conseguindo a A. A. Espinho realizar os propósitos expostos terá mais um motivo para se orgulhar e uma vez mais também terá servido notavelmente os interesses de Espinho.

Dr. António Nunes das Neves
Director da Secção Cultural da A. A. E.

FOLHETIM MENSAL

Por: José Corte-Real (PEPE)

QUE ISTO DE SER-SE...

ALDRABÃO...

Que isto de ser-se aldrabão, é uma nobre arte. Não é tão fácil como muitos levianamente pensam. E' um dom natural que em muitos se confunde com ciência. Eu não nego que não se necessita certa ciência mas aldrabar é, acima de tudo, arte. Nem todos têm jeito para aldrabão. O aldrabão de feira é um degenerado da Espécies, o Pellútra da sociedade. O aldrabão, o diabo aldrabão, tem uma certa posição social. Pode ser o mercleiro que nos impinge com um sorriso o gato por lebre, o advogado que qualifica de pobre mártir o celerado que matou a mãe, o médico que

diagnostica de gripe uma simples constipação ao diplomata que oferece a Paz à Nação que vai ser esmagada. Que isto de ser aldrabão é nobre profissão. O termo está bastante maltratado e merece reforma. Bluff é o seu sinónimo. O Bluff está em toda parte: sob a capa da hipocrisia, sob o manto da mentira, sob o eco do boato ou na vulgar aceção da aldrabice. Que isto de ser aldrabão é arte bem difícil. Corresponde a um curso de longo tirocínio. Inicia-se no primeiro dia em que se prevê que o chôro pode dar-nos mama e termina dois segundos depois da morte real. O que é necessário é ser um bom actor. A máscara própria do momento, uma memória que impeça o deslize e uma certa eloquência e persuasão no falar. Os troca-tintas são uma triste caricatura do aldrabão. O aldrabão deve ter pose e deve ter uma certa posição social. Um aldrabão doutor é uma respeitável testemunha do tribunal. Se se descobre a mentira provar-se-á que se enganou. Um aldrabão mendigo é uma testemunha suspeita. Descoberta a mentira só lhe resta a prisão como pensão temporária. Que isto de ser aldrabão, repito, exige categoria. Quando um sábio afirma que o mundo daqui a dois billões de anos se desfará em pó todo o mundo treme. O sábio é amirado, a sua fotografia é ampliada até vem no Post ou no Times e as

agências telegráficas anunciam aos quatro ventos a grande previsão. Mas se um Silva qualquer, cá da minha freguesia se atreve a dizer o mesmo, é considerado doido e desde mais infimo guarda-republicano ao regeder o olhar com comiserção e dó.

Que isto de ser aldrabão não é para toda a gente. Se uma pessoa vende a outra gato por lebre talvez eu possa chamar ladrão; mas se me convida a comprar-lhe o produto que me afirma possuir trezentas e sete propriedades distintas, qual delas a mais maravilhosa, não posso afirmar que me pretende roubar pois está a fazer propaganda.

Vivemos rodeados de conceitos claros mas elásticos. Aqui está o erro. Porque o ponto de separação entre dois conceitos não existe: eles se embicam. E depois? Quem será capaz de afirmar que há erro ou engano... Eis aqui o busillis. O resto é pintura. E sejam francos: sabem certo se estou a aldrabar ou a bater certo?

Sim, isto de aldrabar é arte! Mas que arte...





BOAS AMIGAS

Conto de JOSE ROIZ

Pois ela fôra bonita. Olhos da da côr do cabelo, diamantes por lapidar, aqueles de mel e luz, êste de seda, serpentes. Era a boca um golpe de fogo. Morena como pimenta, pimenta nas veias dos rapazes. Pois ela fora prendada. Sabia ler, escrever..., aprendera costura... e o mais. Cubiçavam-na muito, à filha do Sr. Joaquinzinho da Escada. Ela, vaidosa e sensual, agradava-se de todos sem se prender a nenhum. Pretendentes—quantos desdenhara! Mas enleava-se nos namoros, aos beijos, aos abraços, sabe-se lá ao quê que o povo rumorejava! E fumas são famas! Ela não os queria, mas eles também já não iam querendo... Por fim, aquele demônio do Zé Gouveia, feio e desajeitado, mas esperto até ali!... E a lábia do rapaz, a doçura ora mansa ora raivosa dêsse lábios carnudos!...

O pai voltara para o Brasil; lá soube a notícia: a sua Belmira tinha um petiz!

O sr. Joaquinzinho da Escada era jogador. A fortuna bem boazinha consistia em dinheiro e o solar comprado às fidalgas. A fazenda é que era pequena: cinco ou seis courelazitas (não sabiam que as terras, o lobo passa por elas e as deixa ficar). O sr. Joaquinzinho da Escada era jogador. Jogou muito, jogou tudo. E cá em Portugal só ficaram o solar as courelas de terra prá Belmira (morrera-lhe a mãe desgostosa) e para o endez.

Manel da Escada já era espigadote quando a Belmira tratou casamento com o André do Cabeço. O solar fora vendido; e o resto iria também, mal governado pela mão inexperiente e morena outra macia e hoje áspera do trabalho. André não valia dez réis. Mas era um homem, e que outro esperava a Belmira, com um filho e repassada dos braços destes e daqueles?!

André casara cinicamente, por interesse. A mulher, mais velha catorze anos, dava-lhe tanto cuidado como um graveto! Para consolar-se, Belmira bebia. Estava enrugada, suja, com repas desgrenhadas e caminhando para a idiotice. O vinho, porém, agradava-lhe. E bebia.

*
* *

Arminda do Lopes casara bem. O pai trabalhara sempre como um moiro e poupara como um avarento. As refeições dele eram cebola crua, pão e água. Não era ninguém. Comprara, lavrara e hoje tinha um belo dote para deixar à filha única.

Demais, Arminda era saudável, de formas torneadas e sólidas, perfil correcto e forte de romana, boca recortada a grácil. Por isso, Pedro Vendeiro arrastou-lhe a asa e conseguiu-a, que êle era homem decidido e de haveres. Casou e viveu feliz alguns anos. A sogra metia-se-lhe na venda e escorripichava uns copitos, alanzando coisas, dando à trela... O marido torcia o nariz àquela parvaceira, mas ela:—Moita! Até que um dia...

O vélhote chamou, chamou... Qual o quê? Nada!—«O' Luzia!». Nada. Finalmente, aos repetidos apelos, saíram mãe e filha da taberna. Ele aferrou a mulher por um braço e desancou como em centeio verde. A filha interveio:—«*Senhor Pai! Isso não!*».—«*Arreda! Ora a avantesma, sempre no tasco! Má morte te leve! Toma!*».—«*Ai! Jesus! Quem me acode?!*», berrava a velha.—«*Acudam! O' Pedro!*», chamava a Arminda.

E o Pedro Vendeiro saiu, trazendo na mão uma faca de matar porcos. O velho batia na mãe e zupava na filha. Pedro Vendeiro quiz impedir, mas apanhou uma arrochada. Viu tudo zumbindo em fogo à sua frente. E espetou duas facadas no sogro.

Matou-o. Foi condenado e na prisão esteve uns anos. Arminda ficou na venda, a atender os fregueses até que horas! Fernandes, conquistador, useiro e vézeiro, rondou-lhe a porta. E ela, sangue novo a espirrar nas veias, a luzir-lhe nos olhos, a sorrir-lhe na boca, ela, Arminda, sucumbiu. Viajou à cidade, à cadeia, ver se tentava o homem, convencê-lo, mas ia adiantada no ventre e Pedro Vendeiro estava avisado. Ele cumpriu a pena. E divorciou-se.

Arminda foi então de muitos, de todos. Os filhos, às cambulhadas. Ranhosos, despresados e a mãe no carvão, na resina, na taberna, nos braços dos amantes ocasionais.

Mais tarde, prendeu-se ao André do Cabeço. Belmira não se importou.—«*Mindinha! O nosso André hoje vai dormir contigo! Eu deixo... Pagas um copito?*». Arminda pagava. Arminda vendia a fazenda, as terras, o lagar, a casa, vendia os bens para comprar vinho e petiscos, para fazer pequenas orgias com o seu André ou com as companheiras. A sua maior amiga era agora Belmira. Iam à outra povoação encher as garrafas, à tasca do Chico, que o verde lá era melhor. Enchiam os bandulhos de vinho com açúcar

As Palpitações da estátua

Conto inédito do escritor francês Guillaume Teine com amizade, a Lopo Goulart Nogueira

Guillaume Teine nasceu em Lyon (França) em 1919. Em 1944 publicou "Les pâges de l'abîme" (romance) e em 1946 "Les archanges ont descendu" (contos) Representa a tendência duma jóvem minoria que pretende ligar o clássico ao modernista. Por tal incompatibilizado com modernistas e com clássicos, Guillaume Teine há poucos admiradores mas entusiastas, e caminha a passo firme para a imortalidade. Dentro de pouco G. Teine lançará a revista literária "Demi pour l'Occident".

Ele já existia. Mas era um bloco feliz sem as limitações da ordem, sem as cadeias das linhas proporcionadas. Ela, a escultora, foi quem o fez. Antes, curvavam-se ramagens a beijá-lo e ele dava a testa angulosa aos ventos e erguia lábios altivos e infantis — ao perfume e aos céus. Desde que nasceu diferente — desde que pelas mãos de feitiçaria — as mãos dela — Roger Anne nasceu, os olhos de Roger Anne foram olhos cegos, olhos fixos de estátua, vestindo a modeladora, a amada. E Vani Dorée curvou-se ao beijo dele, ao beijo de Roger, ao beijo criador como sol na bruma... As veias de Roger ergueram-se como soldados à conquista, as pupilas de Roger acenderam-se como festas ou crenças. Ele caminhou e cingiu-a a ela nos braços. Bailou... Mas ela fizera, a vivente estátua, sem querer... E cançou-se do bailado. Aspirava a estrada recta e fácil, desdenhava das curvas graciosas, emocionantes do tonto bailar, aborreciam-na os olhares que a vestiam de seda e de quentura e de sangue. Quebrou o anel desse baile. E partiu.

Roger caminhava, à tardinha, pelos campos abandonados. A aldeia era muito longe ainda. Já se não via a bola do sol, mas apenas os seus cabelos e os matizes do seu bafo. As núvens sombreavam-se de rosas, de gangrenas, de esperanças e de crimes.

e depois tornavam ao ninho: Arminda com o ventre saliente (outro filho!) a empinar a saia, tesa, forte e vermelhuda; Belmira baixota, de escuro, saias rodadas, cambaleando como um palhaço, invertibrada. Caía na valeta, partia as garrafas, lambuzava-se do líquido. E à Arminda, também tentando, a levantá-la (—«*Rai's partam a bêbeda!*»), respondia, entaramelada:—«*O nosso André... Ai! filha! Santa Maria do Carmo! Jesus!*»).

Numa encruzilhada, desembocou, para a estrada de Roger, o vulto querido de Vani. Chegou loira e frágil, junco e imperatriz. Passou e, continuando, não soltara uma palavra ou um olhar. Foi então que êle correu na tentação de alcançá-la. Ninguém ali. Podia falar-lhe uma palavra de amor ou pregar-lhe um cravo, uma seta, uma chama, um beijo vermelho na boca de amor. O desdém, a frialdade, que ela levava relampejaram, porém, um instante, diante dele, como ódio. Roger quedou-se.

* * *

Roger entrou no aposento e com Roger seguia um petiz belo e triste. Pois Roger decidira falar-lhe a ela e dizer-lhe tudo e forçá-la a ela por piedade, por medo ou por amor. Mas quando a viu serena e distante, compreendeu que tudo ia muito longe. A ele mesmo só restava um sentimento sem recordações, um deus sem rosto; passou a mão pela testa. E, cheio de calma também, discursou com ironia, conversou com sarcasmo, e seus olhos nem viram. E, cheio de calma também, apertou o petiz frágil, belo e triste, entre as mãos convulsionadas e longas — mãos estatuárias — e cravou-lhe as unhas nas feridas e estrangulou-o, à mingua de sangue e ar.

Mas doía o eterno moribundo. Mas doí-lhe... Sim. A Roger doía o coração.

Traduzido por Lopo Goulart Nogueira

NO PRÓXIMO NÚMERO COLABORAM:

Luís Carlos
Vasco de Lima Couto
Renato de Valnegro
Telma de Liscano
Manuel Terroso
Mário Neves
Florentino

POESIA

Chão Movediço

Neste chão movediço que pisamos
Tudo de nós se afasta e se aproxima!
Ora no desalento mergulhamos:
Ora um clarão de crença nos anima!...

Que voz nos chama? Para onde é que vamos?
Porque se estiola a flor que mais se estima?
Frutos maduros dos mais altos ramos,
Porque acenais à Fome, lá de cima?

Chão movediço!... Chão, para uns, de arminhos
Atapetado e de macias peles,
Com lírios brancos refluindo em áleas,

Mas chão de escravidão e chão de espinhos
Que morde, que ensanguenta os pés daqueles
Que não tiveram nunca umas sandálias!...

Carlos de Moraes

Soneto inédito, do livro «Chão Movediço»
a publicar e a 1948.

Inútil

Quanto tempo gastou a natureza,
A esculpir tuas formas divinais,
A dar-lhe's essa harmónica beleza
Que te torna mais bela do que as mais!

Do teu olhar a dúcida viveza,
Dos teus lábios os toques sensuais,
Da tua cor a pura e sã riqueza,
— Quantos cuidados lhe mer'cêram! Tais

Que, detendo-se, alegre, a contemplar
A obra que com custo realizara
Num imenso desejo de acertar,

Nem reparou, sequer, que abandonara
Do coração a pedra dura e rara,
Deixando-a informe, sem a desbastar...

Sarmento Duque

(Do livro inédito «Confetti»)

Edital

Ninhos todos, enchei-vos de baladas!
Passarinhos, cantai de ramo em ramo!
Eu amo, ó aves doidas das ramadas,
O' rosas castas dos jardins, — eu amo!

Versos d'ouro, canções enamoradas
Que eu ao pé dela, sem cessar, derramo,
Ide já proclamar pelas estradas
O que, bem alto, para o céu proclamo!

Estrelas várias, pássaros diversos,
O' sol rubro, ó mar verde, ó céu sereno,
Todos que ledes os presentes versos!

Sabei que um Anjo nos meus sonhos erra,
Sabei que eu amo um querubim moreno
— o mais formoso querubim da terra!

Correia de Araújo

O Livro da Sabedoria

Noite azul. Só os homens são reais.
Os poetas têm rosas nas gargantas.
As pupilas são mágicas ou santas.
Namorados! Sabeis, quando cantais!

Dos poetas, os tons são as infantas...
Suas dores: as pedras, os cristais...
Desejos de poeta, os animais...
Palavras de poeta são as plantas...

Primeiro, as almas rezam, de joelhos...
E, depois, as 'spalhamos, para vê-las...
Perfumam o silêncio as borboletas...

Noite. O céu mais o mar são dois espelhos.
Imagem dos poetas as estrelas...
Peixes... brilhando... imagem dos poetas...

Renato de Valnegro

(Do livro a publicar
«Peixes, Estrelas e Homens»)

Inverno

Peneira a chuva. Ladra o vento. O céu se embaça,
Anuvia-se e lembra um zimbório de chumbo.
Eu só, espiando a rua através da vidraça,
De tristeza e de tédio esmagado sucumbo.

Em vão de irem clamar a aquosa e hórrida massa
Das nuvens negras, no ar, minhas preces incumbo:
— Ziguezagueando, um fusil rubro risco retraça
E, atros, troam trovões com tremendo retumbo!

Certo, fôrças não há que os elementos domem
E a Natureza-mãe que ora cubro de apôdos
Tem momentos de «spleen», mau humor como
[um homem!

Sem os beijos do sol, — o esposo amado — enviúva;
Sente o tédio! — E o seu tédio... é essa névoa...
[são todos

Esses dias de inverno e essas tardes de chuva!

Raúl Machado

Lama

... E subiu-me nas veias como um grito
Que revelasse em ser pressentimentos...
Eu amo tanto os sitios lamacentos
Porque neles pratico um novo rito.

A lama me proclama e eu repito
O dito que reflito em mil momentos
Sou sacerdote irmão doutros segmentos
Que formam a linhagem do infinito.

... Olhei-a negra e húmida. Chovera...
Meu rosto angustiado côr de cera
Tomou um ar melhor e tranqüilo.

Agora vejo! — e tudo mo assinala.
Olhei-a negra e húmida. E, ao olhá-la,
Tive lembranças de ter sido *aquilo*.

Florentino

(Do livro a publicar brevemente
«O canto escuro da minha casa»)